

Fernando Molica

Os bonecos reborn e as crianças rekilled de Gaza

A ênfase na discussão sobre bonecos hiper-realistas de bebês contrasta com a passividade diante dos assassinatos de crianças de verdade em Gaza. É como se os brinquedos fossem mais relevantes que meninas e meninos diariamente mortos por Israel, e que não terão chance de renascer.

Nenhum deles será chamado de reborn (renascido): se levarmos em conta a sistemática do genocídio contra palestinos, cada um deles poderia ser classificados de rekilled, são mortos repetidas vezes, em sequência.

Nada contra brinquedos, adultos também têm o direito de vivenciar fantasias, de preencher lacunas. Em seu recém-lançado livro “O primeiro leitor”, o editor Luiz Schwarcz, ao tratar do processo de criação artística, cita Sigmund Freud.

O criador da psicanálise, resalta Schwarcz, disse que a escrita “é uma forma de fantasia ou devaneio diurno que substitui a brincadeira infantil”. Escrever seria assim uma forma de superar barreiras que, no dia a dia, “nos separam de tantos outros Eus”.

Criar seria uma forma de proporcionar novas compreensões e entedimentos.

Assim, brincar de ninar um boneco deve ser lá seu efeito apaziguador ou prazeroso. Há quem prefira colecionar selos, lavar carros, mergulhar na fantasia da vitória do time que adotou para si, outra forma de dar concretude a algo abstrato.

O problema é quando limites são deixados de lado e adultos começam a achar que aquele objeto feito de plástico é mesmo um ser humano; um delírio que, no limite, é estruturado a partir de uma visão autoritária e excludente.

Trata-se de um bebê que não vai chorar, sujar as fraldas, cobrar comida — não irá crescer, não decepcionará nos estudos, não brigará, não fugirá dos caminhos idealizados por seus, digamos, pais. Será sempre um ser em potencial, incompleto, moldado. Um neném prêt-à-porter, imortal porque nunca teve vida.

Já os desprezados nenéns de Gaza foram gerados por humanos, cresceram no ventre de suas mães,

levaram o susto no nascimento que os empurrou para o mundo. Desde então travam a batalha contra os que querem vê-los mortos, que buscam acabar com suas vidas, com a possibilidade de renascimento do povo de que fazem parte.

São vistas não como concentrados de vida, mas como ameaças potenciais e que, por isso, precisam ser mortos — neutralizados, no jargão homicida —, como mal que se mata pela raiz. São alvo de uma política de extermínio admita pela quase totalidade do mundo ocidental. Não provocam lágrimas, solidariedade, compaixão.

Não faltam razões para um lado acusar o outro, a história não costuma ser feita por mo-cinhos. Mas a desproporção de forças é gritante demais, que por si frisa o tamanho do absurdo. Não pode haver tolerância nem mesmo na linguagem que pune palestinos e absolve israelenses: a prática do terrorismo não é um privilégio reservado a grupos; Estados também o praticam.

A ausência de sentimentos em relação aos bebês rekilled de Gaza não é original. A história

do mundo é cheia de exemplos de povos que, para facilitar o extermínio de adversários ou inimigos, passaram a tratá-los como não humanos, desprezíveis.

Isso viabilizou a escravidão ao longo dos séculos, respaldou na Alemanha nazista o desprezo em relação a judeus, socialistas, homossexuais, ciganos. E não dá pra não falar de nós mesmos. Vale reparar como as ruelas do que sobrou de Gaza lembram as nossas periferias e favelas — a pobreza, as casas precárias, as vias empoeiradas.

No Brasil também se cultiva o ódio ao outro, àquele que é visto como um obstáculo ao progresso, à ordem, à vida, que merece ser tratado como não gente; que, no máximo, pode ser admitido para prestar pequenos serviços em troca de pagamentos irrisórios. Por aqui, matar pretos e pobres dá muito voto; em Israel, uma rara democracia no Oriente Médio, o massacre promovido por Benjamin Netanyahu tem lhe garantido votos e a permanência no poder.

EDITORIAL

Crise afeta o transporte rodoviário de carga

Uma crise sem precedentes. Esse é o cenário enfrentado pelo transporte rodoviário de carga nacional, decorrente de fatores como aumento inesperado na quantidade de transportadores (autônomos ou empresas), cujo acirramento da concorrência, num ambiente marcado pela queda da demanda e falta de fiscalização, descambou em elevado nível de ociosidade na frota de caminhões disponível.

Tal situação, próxima da calamidade, se agravou ainda mais, por conta do aprofundamento da recessão econômica, a ponto de consolidar o desequilíbrio na secular lei de oferta e demanda, pois se tornaram recorrentes os casos em que os valores de frete passaram a ficar abaixo do próprio custo operacional dos transportadores.

Ante o desafio, a CNI (Confederação Nacional da Indústria) avalia que a solução começa com a remoção de ‘distorções’ de mercado, com a aplicação mais rigorosa das leis e normas responsáveis pela regulação da atividade.

Nesse contexto, a CNI entende ser necessário que o Poder Público exerça, com maior eficiência, a fiscalização do setor, tendo em vista a eliminação

de fatores negativos que impedem o pleno funcionamento desse mercado, abrindo espaço para as transportadoras mais eficientes. A entidade acrescenta, também, que as autoridades devem intensificar a verificação do peso do caminhões, ao mesmo tempo em que redobrem esforços no combate à sonegação de impostos, além de implantar uma inspeção técnica dos veículos, a exemplo do que prevê o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), de 1997.

Em lugar de efetuar uma inviável inspeção anual da totalidade da frota de veículos comerciais, seria estabelecido um critério de ‘periodicidades diferenciadas’, que “cumpririam intervalos decrescentes, conforme a idade do veículo”, propõe estudo inédito da CNI Transporte Rodoviário de Carga (TRC): características estruturais e a crise atual.Segundo esse estudo, as distorções do setor se acentuam, à medida que os mercados se tornam mais competitivos, pois as transportadoras mais atuantes aceitam fretes menores que os da concorrência. Sem contar encargos assumidos pelos caminhoneiros, referentes a dívidas contraídas para a compra de veículos.

Aristóteles Drummond

Turismo, Segurança e Absurdos

Para salvar o inequívoco crescimento do turismo no Rio de Janeiro seria oportuna uma decisão emergencial, com coragem política para enfrentar as críticas daqueles que se dedicam a destruir e não a construir.

A urgência é para a zona turística que vai do centro até o Recreio dos Bandeirantes e para os acessos aos aeroportos. A união dos três governos teria todo sentido.

A união poderia, através da Polícia Federal e Polícia Rodoviária, assumir aeroportos, seus acessos e mais a Linha Amarela e a Transolímpica. A Guarda Municipal, as praças do percurso e as estações do metrô. A Polícia Militar fazer o policiamento ostensivo e a Civil, a recolha de infratores, para o que se criaria um centro de aprisionamento emergencial, como já se fez no passado. E oferecer ampla cobertura nas mídias às iniciativas de “proteção aos bandidos” por parte de políticos de determinado segmento. O povo tem direito de saber de que lado estão seus políticos.

É muito difícil explicar a um estrangeiro que, no Brasil, um criminoso que mata tenha várias entradas na Polícia e continue solto. Acham graça no instituto da “visita íntima” e chegam a não acreditar no salário dado às famílias de apenados. Nossos presídios acolhem chefes do crime

que comandam por celulares. Bloquear sinal, o que é possível, não é permitido “para não prejudicar funcionários”. E a entrada de drogas e armas foi agora facilitada pelo Judiciário, que terminou com a “revista pessoal” para não humilhar as amigas e companheiras dos presidiários. Ocorre que a revista não difere muito daquelas que centenas de milhares de brasileiros, inclusive parlamentares, passam todos os dias nos aeroportos, como bem argumentou o deputado Carlos Jordy na Câmara.

O acesso ao transporte público deve exigir camisa. Medidas de bom senso e de um mínimo de decoro.

Negligenciar neste momento é ato contrário aos interesses da cidade e da preservação e geração de milhares de empregos. A força carismática da cidade e de sua população tem superado a violência, que tem sido crescente. Este ano o movimento de estrangeiros foi o maior de todos os tempos, a ocupação hoteleira positiva até depois do carnaval. O calendário de eventos é animador. Ceder ao discurso ideológico é imperdoável. O carioca quer paz e continuar a ser acolhedor para os visitantes.

Construir um mercado, consolidar investimentos, leva tempo. Destruir a demanda pode levar minutos.

Arnaldo Niskier*

Adolescência

A taxa de fecundidade no Brasil não passa de 1,57 filho por mulher, segundo o IBGE. No filme “Adolescência”, o ator e diretor Stephen Graham revela que “como pais, tentamos dar aos nossos filhos o máximo de orientação e amor possível. Mas, no fim das contas, não temos controle sobre as suas escolhas”. É claro que o fator econômico é relevante, mas não podemos desconsiderar as razões comportamentais. Ter ou não ter filhos é uma decisão do casal.

A série televisiva “Adolescência” levantou várias discussões a respeito do tema. Por que

um menino de 13 anos esfaqueia uma colega? A série aponta problemas nas redes sociais e o ambiente caótico em algumas escolas. Como deve ser o comportamento do corpo docente, em algumas dessas situações? Será que coibir o celular nessas escolas é a solução? Deve-se regular o seu uso fora delas.

A família retratada faz uma aposta de educação a longo prazo. Devemos comentar, com o devido cuidado, a famosa frase de Machado de Assis “não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Teria ele razão?

Adolescentes têm crises de ansiedade, déficit de atenção, hiperatividade e depressão, além de dependência de celular e redes sociais, homofobia e bullying inadmissíveis. Onde entra a culpa dos pais?

A felicidade não se garante com apenas um filho. A garantia de um bom comportamento não é coisa certa, mas é claro que o amor devotado às crianças, no tempo certo, pode dar bons resultados em matéria de educação. Nessa verdadeira loteria, não se pode assegurar a culpa do homem ou da mulher, nesse processo pedagógico. É certo

que a educação dos filhos ocupa os pais, mas não garante um rumo adequado. Isso depende de fatores que não dominamos, mas que devemos cultuar. Filhos podem representar o maior amor do mundo, mas nem sempre os resultados são favoráveis, em termos de educação. O que se vê, hoje, nos consultórios de psiquiatria enche o nosso coração de preocupações. É preciso tratar a matéria com o maior cuidado.

***Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras e Comendador do Tribunal Regional do Trabalho**

Opinião do leitor

Maluquice

A obscura e indecorosa Federação Internacional de História e Estatísticas de Futebol (IFFHS) teve o descaramento e a indecência de listar melhores jogadores da história, cometendo a barbaridade de colocar Messi na frente de Pelé.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: DEFINIDO TRAJETO DO ZEPPELIN ATÉ O RIO DE JANEIRO

As principais notícias do Correio da Manhã em 23 de maio de 1930 foram: Conde Zeppelin chega a Sevilha e já tem o itinerário programado para vir ao Rio de Janeiro — Ilhas Canárias, Ilha de Cabo Verde, Fernando de Noronha e Recife. Casas comerciais continuam fechadas

HÁ 75 ANOS: FRACASSA A REVOLUÇÃO COMUNISTA NA BOLÍVIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 23 de maio de 1950 foram: UDN de Belo Horizonte reafirma o apoio à candidatura de Eduardo Gomes à presidência. Comícios no Rio de Janeiro serão o eixo da campanha do brigadeiro. Rebelião comunista na Bolívia não

passou apenas de uma greve geral de serviços públicos. Exércitos da Alemanha Ocidental estão prontos para combater as tropas da Oriental.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.